

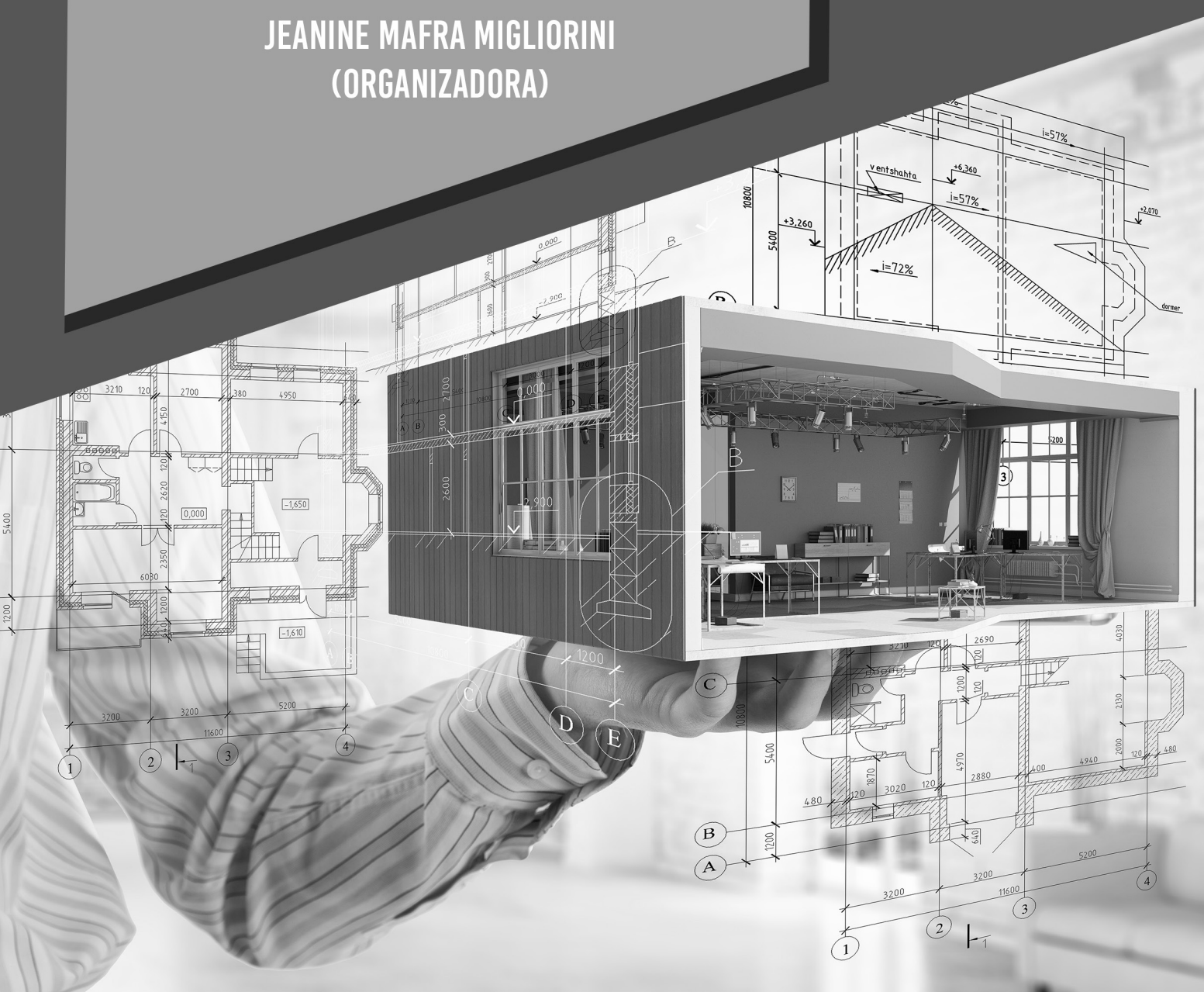
ARQUITETURA E URBANISMO: ABORDAGEM ABRANGENTE E POLIVALENTE 2

JEANINE MAFRA MIGLIORINI
(ORGANIZADORA)



ARQUITETURA E URBANISMO: ABORDAGEM ABRANGENTE E POLIVALENTE 2

JEANINE MAFRA MIGLIORINI
(ORGANIZADORA)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremonesi

Karine de Lima

Luiza Batista

Maria Alice Pinheiro

Edição de Arte

Luiza Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional

Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico

Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais

Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo

Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas

Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia

Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases

Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil

Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita

Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí

Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé

Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo

Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária

Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná

Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina

Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College

Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social

Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay

Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA

Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Arquitetura e urbanismo: abordagem abrangente e polivalente

2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Jeanine Mafra Migliorini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A772 Arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] : abordagem abrangente e polivalente 2 / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-196-1

DOI 10.22533/at.ed.954202407

1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

APRESENTAÇÃO

Ao estudar e escrever sobre arquitetura nos deparamos com um universo que vai além da ciência, essa realidade abrange acima de tudo o social, uma vez que a arquitetura é feita para o homem exercer seu direito ao espaço, da maneira mais confortável possível. O conceito do que é exatamente esse conforto muda significativamente com o passar dos tempos. Novas realidades, novos contextos, novas tecnologias, enfim, uma nova sociedade que exige transformações no seu espaço de viver.

Algumas dessas transformações acontecem pela necessidade humana, outras, cada vez mais evidentes, pela necessidade ambiental. Um planeta que precisa ser habitado com consciência, de que nossas ações sobre o espaço possuem consequências diretas sobre nosso dia a dia. Esta discussão é necessária e urgente, nossos modos de construir, de ocupar devem estar em consonância com o que o meio tem a nos oferecer, sem prejuízo para as futuras gerações.

As discussões sobre essa sustentabilidade vão desde o destino e uso das edificações mais antigas, que são parte de nosso patrimônio e são também produto que pode gerar impactos ambientais negativos se não bem utilizados; do desaparecimento ou a luta pela manutenção da arquitetura vernacular, que respeita o meio ambiente, à aplicação de novas tecnologias em prol de construções social e ecologicamente corretas.

Não ficam de fora as abordagens urbanas: da cidade viva, democrática, sustentável, mais preocupada com o bem estar do cidadão, dos seus espaços de vivência, de permanência e a forma como essas relações se instalam e se concretizam, com novas visões do urbano.

Para tratar dessas e outras tantas questões este livro foi dividido em dois volumes, tendo o primeiro o foco na arquitetura, no espaço construído e o segundo no urbano, nos grandes espaços de viver, na malha que recebe a arquitetura.

No primeiro volume um percurso que se inicia na história, nos espaços já vividos. Na sequência abordam as questões tão pertinentes da sustentabilidade, para finalizar apresentando novas formas de produzir esse espaço e seus elementos, com qualidade e atendendo a nova realidade que vivemos.

No segundo volume os espaços verdes, áreas públicas, iniciam o livro, que passa por discussões acerca de espaços já consolidados e suas transformações, pela discussão sobre a morfologia urbana e de estratégias possíveis de intervenção nesses espaços, também em busca da sustentabilidade ambiental e social.

Todas as discussões acabam por abordar, na sua essência o fazer com qualidade, com respeito, com consciência, essa deve ser a premissa de qualquer estudo que envolva a arquitetura e os espaços do viver.

Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ÁREAS DE PRESERVAÇÃO E URBANIZAÇÃO: O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO LITORAL PAULISTA	
Isabella Silva de Serro Azul Gabriela Sayuri Durante Samuel Bertrand Melo Nazareth	
DOI 10.22533/at.ed.9542024071	
CAPÍTULO 2	13
ANÁLISE MORFOLÓGICA DE PADRÕES ESPACIAIS DA VEGETAÇÃO NATIVA REMANESCENTE DO MUNICÍPIO DE POÇOS DE CALDAS, MG, COMO SUBSÍDIO PARA CONSTRUÇÃO DE INFRAESTRUTURA VERDE	
Leandro Letti da Silva Araújo Evandro Ziggiatti Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.9542024072	
CAPÍTULO 3	30
EVOLUCIÓN DE LAS TIPOLOGÍAS DE ESPACIOS VERDES PÚBLICOS EN EL PAISAJE URBANO. RESCATE DE LA MEMORIA VEGETAL EN VALPARAÍSO	
Cristóbal Cox Bordalí Constanza Jara Herrera	
DOI 10.22533/at.ed.9542024073	
CAPÍTULO 4	63
ARBORIZAÇÃO DE VIAS PÚBLICAS EM IRUPI-ES: UMA ANÁLISE DA MORFOLOGIA URBANA DOS BAIROS CAROLINO BARBOSA E JOÃO BUTICA	
Eduardo Machado da Silva Wagner de Azêvedo Dornellas	
DOI 10.22533/at.ed.9542024074	
CAPÍTULO 5	88
PERCEPÇÃO AMBIENTAL E ANÁLISE MORFO-ESPACIAL DE ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: UM ESTUDO EM CIDADES DE MÉDIO PORTE NO RIO GRANDE DO NORTE/RN	
trícia Caroline da Silva Santana	
DOI 10.22533/at.ed.9542024075	
CAPÍTULO 6	102
ENTRE BELÉM/PA E RECIFE/PE, TERRITÓRIOS DESENHADOS EM PROCESSOS RESTRITIVOS, PERMISSIVOS, OCULTOS E PACTUADOS À LEGISLAÇÃO URBANO AMBIENTAL	
Ramon Fortunato Gomes Ricardo Batista Bitencourt	
DOI 10.22533/at.ed.9542024076	
CAPÍTULO 7	116
PROJETO E PLANEJAMENTO URBANOS FRENTE AOS PARADIGMAS ECOLÓGICOS DA AGRICULTURA URBANA	
Bruno Fernandes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9542024077	

CAPÍTULO 8	129
A EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE DE SANTOS E O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO BRASILEIRO DE 1532 A 1930	
Hilmar Diniz Paiva Filho Roberto Righi	
DOI 10.22533/at.ed.9542024078	
CAPÍTULO 9	145
PATRONES DE LOCALIZACIÓN E INSTALACIÓN DE INFRAESTRUCTURA RELIGIOSA CATÓLICA EN SANTIAGO DE CHILE. 1850 – 1950	
Mirtha Pallarés-Torres Maria Eugenia Pallarés-Torres Jing Chang Lou	
DOI 10.22533/at.ed.9542024079	
CAPÍTULO 10	159
ESTUDO DE UM FRAGMENTO URBANO: O BAIRRO-JARDIM CHÁCARA FLORA, SÃO PAULO	
Luciana Monzillo de Oliveira Maria Pronin	
DOI 10.22533/at.ed.95420240710	
CAPÍTULO 11	175
MARCAS E MATRIZES DA CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM URBANA NO ALTO DA BOA VISTA, RIO DE JANEIRO	
Leonardo Rodrigues Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.95420240711	
CAPÍTULO 12	187
CEAGESP: RECONVERSÃO E PROJETO URBANO?	
Bárbara Pereira Baptista Nadia Somekh	
DOI 10.22533/at.ed.95420240712	
CAPÍTULO 13	203
A EVOLUÇÃO DAS INTERVENÇÕES URBANAS SOBRE A CONFORMAÇÃO DA PAISAGEM DE UMA CENTRALIDADE LINEAR: AVENIDA REBOUÇAS, EM SÃO PAULO	
Maria Pronin Luciana Monzillo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.95420240713	
CAPÍTULO 14	219
AFINAL, O QUE SÃO ECOVILAS? EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO	
Juliana Viégas de Lima Valverde	
DOI 10.22533/at.ed.95420240714	
CAPÍTULO 15	233
ESTRATÉGIAS DE PROJETO PARTICIPATIVO EM ÁREAS DE VULNERABILIDADE SOCIAL	
Júlio Barretto Gadelha Tomaz Amaral Lotufo	
DOI 10.22533/at.ed.95420240715	

CAPÍTULO 16	267
MOBILIDADE ATIVA E CAMINHABILIDADE: ENSAIO PROJETUAL NA AV. JAIR DE ANDRADE	
Mateus Marcarini Zon	
Larissa Leticia Andara Ramos	
Laura Lopes Akel	
Natália Brisa do Nascimento Santos	
DOI 10.22533/at.ed.95420240716	
CAPÍTULO 17	279
PRÁTICAS URBANAS CRIATIVAS: ESTUDO, ANÁLISE E IMPACTO DE AÇÕES TÁTICAS NO ESPAÇO PÚBLICO	
Carolina Vitória Ortenzi Bortolozzo Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.95420240717	
CAPÍTULO 18	296
GESTÃO URBANA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL: REFLEXÃO EM TEMPOS DE DISSENSO	
Andre Reis Balsini	
DOI 10.22533/at.ed.95420240718	
SOBRE A ORGANIZADORA	309
ÍNDICE REMISSIVO	310

ESTRATÉGIAS DE PROJETO PARTICIPATIVO EM ÁREAS DE VULNERABILIDADE SOCIAL

Data de aceite: 05/07/2020

Júlio Barretto Gadelha

Mackenzie

São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/5578554441788092>

Tomaz Amaral Lotufo

FRB - Faculdades Reunidas de Botucatu

Botucatu- SP

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4734368P0>

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão para a sociedade, em geral, e para os arquitetos, em particular, no sentido de apontar mudanças no PROCESSO DE PROJETO, algo abstrato que, depois de materializado, é preenchido e utilizado pelos usuários, ou seja, algo que pode ser criado e construído conjuntamente. Deseja-se então reconhecer no arquiteto alguém que atua como colaborador de um processo, ora como técnico, como alguém que estimula a criatividade do grupo ou como facilitador gráfico e, em outros momentos, como participante efetivo, no sentido de propor que o usuário não mais veja esse profissional como um semideus que tudo decide, mas como um parceiro da construção coletiva de uma intenção, um participante com

instrumentos para qualificar o produto final.

PALAVRAS - CHAVE: Projeto participativo, área de vulnerabilidade social

ABSTRACT: This article proposes a reflection for society, in general, and for architects, in particular, in order to point out changes in the PROJECT PROCESS, something abstract that, after materialized, is filled out and used by users, that is, something that it can be created and built together. We then want to recognize in the architect someone who works as a collaborator in a process, sometimes as a technician, as someone who stimulates the group's creativity or as a graphic facilitator and, at other times, as an effective participant, in the sense of proposing that the user does not but see this professional as a demigod who decides everything, but as a partner in the collective construction of an intention, a participant with instruments to qualify the final product.

KEYWORDS: Participatory project, area of social vulnerability

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma reflexão para a sociedade, em geral, e para os arquitetos, em particular, no sentido de apontar mudanças no

PROCESSO DE PROJETO, algo abstrato que, depois de materializado, é preenchido e utilizado pelos usuários, ou seja, algo que pode ser criado e construído conjuntamente. Deseja-se então reconhecer no arquiteto alguém que atua como colaborador de um processo, ora como técnico, como alguém que estimula a criatividade do grupo ou como facilitador gráfico e, em outros momentos, como participante efetivo, no sentido de propor que o usuário não mais veja esse profissional como um semideus que tudo decide, mas como um parceiro da construção coletiva de uma intenção, um participante com instrumentos para qualificar o produto final.

Essa temática está cada vez mais presente, sobretudo em eventos organizados por estudantes de arquitetura como aconteceu na semana Viver Metr pole, evento realizado na Faculdade de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, de agosto a outubro de 2017. No evento, buscou-se resgatar a aproximação do profissional-arquiteto com o território real, que é o lugar da arquitetura. Enquanto o projeto de arquitetura é desenvolvido em escritórios isolados ou na sala de aula, distante da realidade dos futuros usuários, o encontro com o território real pode despertar uma série de percepções importantes para a adequação da arquitetura ao contexto social e ambiental. Pesquisa realizada no ano 2015, pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) e o Instituto Datafolha, demonstra que o serviço do arquiteto é dedicado a apenas 15% da sociedade, representados pela parcela de maior “poder” econ mico (<http://www.caubr.gov.br/pesquisa-caubr-datafolha-revela-visoes-da-sociedade-sobre-arquitetura-e-urbanismo/>). Dados como esses demonstram que é urgente ampliar o acesso à arquitetura e, conseqüentemente, que esta atividade cumpra a sua função social e ambiental. No Brasil, país com altos índices de desigualdade social, a problemática da arquitetura deve ser enfrentada de dentro, ou seja, a partir do território, o que pressupõe, naturalmente, a inclusão dos territórios de vulnerabilidade social.

Entender a arquitetura; entender **O PROJETO COMO PROCESSO**. Analisar o terreno e suas condicionantes legais (legislação urbana), ambientais, o entorno e a região onde se localiza. Conversar com a comunidade, esboçar croquis e discutir em conjunto sobre as possibilidades de transformação. A proposta de projeto vai se modificando e, ao mesmo tempo, se retroalimentando no desenvolvimento da construção. Este artigo propõe discutir e analisar algumas ações visando transformar o entendimento do processo de projeto. São elas:

- Apresentar, como exemplo de intervenção em territórios de vulnerabilidade social, o trabalho do coletivo ESCOLA SEM MUROS a partir de uma proposta de imersão de dez dias, na periferia de São Paulo, mais especificamente, no **Jardim Damasceno**, zona norte da cidade.

- Apresentar parâmetros de projeto com o intuito de sugerir caminhos e possibilidades para atuar em territórios de vulnerabilidade social, trazendo para a discussão o conceito de que nas **ESTRATÉGIAS PROJETOAIS** o que realmente importa é o **PROCESSO**

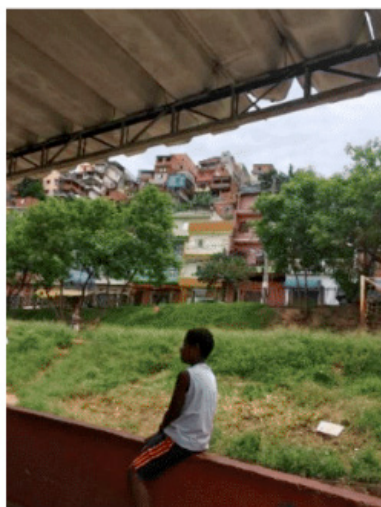
DE PROJETO com a comunidade, ou seja, com a participação de todos, inclusive e especialmente de crianças, para sugerir possibilidades de espaços de uso coletivo na cidade que possam ser efetivamente apropriados por essa comunidade.

Para desenvolver e seguir uma linha de pensamento coerente, a dissertação de mestrado do arquiteto Tomaz Amaral Lotufo, *Um novo ensino para outra prática, o exemplo do coletivo Rural Studio nos Estados Unidos da América*, (2014) será um elemento teórico fundamental.



Figuras 1: Localização do Espaço Cultural Jardim Damasceno.

Fonte: Caderno Espaço Cultural Jardim Damasceno Coletivo Escola Sem Muros.



Figuras 2: Jardim Damasceno

Fonte: Autor



Figuras 3: Jardim Damasceno

Fonte: Autor

2 | A PROPOSTA, O PROJETO E A IMERSÃO NO JARDIM DAMASCENO. ESCOLA SEM MUROS

O Escola Sem Muros é um programa de imersão de dez dias com estudantes das áreas de arquitetura, design e engenharia interessados em ter uma vivência prática e colocar seu conhecimento a serviço da sociedade e das pessoas e saberes da própria comunidade. A jornada de aprendizagem propõe vivenciar um saber que ultrapassa os muros da universidade, deixando um legado prático para a transformação da comunidade local.

A Escola Sem Muros é um escritório colaborativo de arquitetura e permacultura, focado em projetos de baixo impacto ambiental, com caráter comunitário e pedagógico. Por meio de projetos de edificações e equipamentos urbanos, busca facilitar o acesso a tecnologias que promovam autonomia, gerando uma mudança cultural e de olhar: da escassez para a abundância. Defende uma arquitetura integrada considerando os aspectos sociais, ambientais e econômicos, para entender todo projeto como oportunidade de aprendizado e empoderamento daqueles envolvidos. É a síntese da proposta de se projetar com sabedoria, preservando os sistemas de manutenção da vida, valorizando a economia dos materiais e os recursos disponíveis no planeta, o conforto térmico, sistemas de coleta e tratamento de água, a energia renovável e eficiente.

2.1 O Primeiro Programa

O primeiro programa, Escola Sem Muros 2018, aconteceu de 19 a 28 de janeiro na Vila Brasilândia, bairro da zona Norte de São Paulo. Estudantes de algumas partes do Brasil e também de outros países participaram de uma jornada de aprendizagem junto com atores da comunidade local com o objetivo de deixar um legado para o bairro, no caso, a reforma do Espaço Cultural Jardim Damasceno, espaço-chave na luta pelo direito à cidade.



Figura 4: Grupo responsável pela reforma do Espaço Cultural Jardim Damasceno.

Fonte: Tatiana Zaratini

Em 2017, uma campanha de financiamento coletivo foi lançada e conseguiu arrecadar o valor necessário para a compra dos materiais necessários à execução da obra de reforma daquele espaço cultural da comunidade (<<https://benfeitoria.com/escolasemmuros>>). Foram dez dias dentro do Jardim Damasceno; dez dias trabalhando, conversando e brincando, para desenvolver e executar a proposta de intervenção naquela área. Uma experiência de imersão no dia a dia das pessoas, com o intuito de se aproximar e participar da concretização de uma ideia, onde o processo de pensamento é o eixo principal do trabalho coletivo proposto.

2.2 O Projeto Participativo do Entorno e Melhorias na Área de Intervenção

Podemos separar o desenvolvimento do projeto colaborativo em duas etapas. Em um primeiro momento, fazendo parte do trabalho desenvolvido pelos educadores e estudantes dos cursos de permacultura (PDC) em conjunto com a comunidade, conseguiu-se uma leitura macro do território, entendendo as fragilidades e potencialidades para futuras intervenções concretas na área.

O Curso de Design em Permacultura (PDC) foi realizado pelo Coletivo Permasampa em parceria com o Instituto Casa da Cidade e o Espaço Cultural Jardim Damasceno (ECJD).

O PDC é um curso reconhecido internacionalmente e visa capacitar os participantes a planejar territórios com baixo impacto ambiental e incentivar o empoderamento social, a partir da gestão sistêmica de recursos naturais energéticos, construtivos, alimentícios e hídricos.

O programa inclui aulas teóricas, visitas a campo, atividades práticas e aplicação dos conceitos estudados em um projeto de ocupação de um território existente (estudo de caso). No projeto deve-se pensar em elementos com edificações, sistemas de produção de alimento, gestão energética, água e saneamento.

O curso acontece uma vez por semestre e entre os anos de 2015 e 2017, ocorreram quatro versões em que além das atividades práticas, o estudo de caso foi o Espaço Cultural

Jardim Damasceno. Neste período 20 equipes desenvolveram projetos permaculturais para a área, sempre consultando os usuários do espaço. A partir desse diagnóstico o trabalho sugeriu uma primeira ação: propor um projeto de requalificação do espaço cultural do Jardim Damasceno como catalizador do início das mudanças na área.

Uma equipe de educadores e estudantes foi formada para sintetizar os projetos realizados em um projeto para ser executado. Projetaram conjuntamente - um novo espaço cultural, entendendo as pré-existências do local, entendendo, discutindo e incorporando as sugestões e visões dos que ali habitam.

Educadores, estudantes e comunidade

O projeto foi concebido seguindo as premissas bastante familiares e consagradas no dito popular, o famoso bom, bonito e barato.

O bom é a possibilidade de, no processo de execução, os participantes incorporarem o modo de fazer com as técnicas específicas do material usado, no caso em questão, o bambu tratado com sua alta qualidade estrutural e pensado como parte de um sistema pré-fabricado in loco.

O bonito, no projeto é realçado pela leveza do material bambu que, em uma sequência de tesouras estruturais, cria um ritmo no espaço, delimitando o volume a ser preenchido com vedações em algumas partes, e outras não, dependendo dos usos e dos fluxos do espaço.

O barato é uma consequência de projeto arquitetônico, no qual o sistema estrutural enxuto e adequado possibilita peças mais delgadas. O material bambu é altamente resistente e de valor acessível. A proposta é que a execução seja realizada pela comunidade conjuntamente com participantes de programas de imersão promovidos pelo coletivo Escola Sem Muros. A escolha de peças de bambu pré fabricadas na obra é também para facilitar o processo que envolve trabalhadores que muitas vezes não estão acostumados com construção civil, afinal, além do bambu ser mais leve que a madeira, o maior trabalho é realizado no chão, não em cima de altos andaimes.

A proposta de desenvolvimento da segunda etapa faz parte da própria imersão. Com o projeto arquitetônico do Espaço Cultural já definido e de posse de algumas leituras cartográficas e vivências sobre o território, o grupo de participantes do curso e da comunidade, trabalhando conjuntamente, se apropria das informações e, de forma colaborativa, propõe intervenções na área do entorno imediato do futuro edifício de bambu.

No decorrer dos dias da imersão, frentes de trabalhos são abertas com diversas oficinas de como fazer, basicamente, em três áreas: as tesouras de bambu da superestrutura do espaço; requalificação da horta com fechamentos externos adequados, reorganização dos canteiros, plantio e adequação da compostagem; e adequação de acessos e fluxos aos espaços coletivos, com a escada/arquibancada entre a área coberta do Espaço Cultural e o campinho de futebol.



Figura 5: Projetando com as crianças.

Fonte: Autor



Figura 6 e 7: Projetando com a comunidade o entorno do Espaço Cultural

Fonte: Tomaz Lotufo

3 | PROJETO E IMERSÃO NO JARDIM DAMASCENO

Foram dez dias vivendo dentro da comunidade do Jardim Damasceno, dormindo, acordando e realizando refeições. Dez dias conhecendo, trabalhando, discutindo, conversando, analisando e brincando para desenvolver e executar a proposta de intervenção no Espaço Cultural do bairro. Uma experiência de imersão no dia a dia das pessoas, com o intuito de aproximar-se da comunidade e de participar da construção

de uma ideia, onde o processo de pensamento é o eixo principal do trabalho coletivo proposto.

3.1. Contexto Histórico e Geográfico

A história do Jardim Damasceno, Brasilândia, não é muito diferente da história do surgimento de outras periferias na cidade de São Paulo. A lógica de embelezamento e do planejamento urbano da capital do Estado, implementada nas décadas de 1940 e 1950, na gestão do então prefeito sanitário Prestes Maia (1938 – 45) com seu plano de abertura de grandes avenidas, acarretou a demolição de moradias populares e cortiços da área central. A política governamental habitacional da época não supria e não fornecia suporte técnico e financeiro para a população de baixa renda se estabelecer com dignidade em habitações nas áreas centrais, mais perto dos locais de trabalho e com toda a infraestrutura que um grande centro pode proporcionar. (PIRES, 2012) Assim, a administração pública, de forma quase natural “fechou os olhos” para o processo irregular de ocupação e autoconstrução nas bordas da cidade legalizada existente, onde a população, deixada à própria sorte, foi se estabelecendo em regiões sem infraestrutura pública, sem planejamento urbano e, conseqüentemente, sem nenhuma gestão governamental, ou seja, sem governo.

O local onde hoje existe o bairro Vila Brasilândia, no extremo norte do município de São Paulo, era uma antiga fazenda de cana-de-açúcar que foi loteada irregularmente em 1947 para atrair a população expulsa da área central. Tal processo é um reflexo do que aconteceu e ainda acontece com a inexistência de políticas habitacionais brasileiras.

O bairro, que se formou predominantemente através de assentamentos precários, não possui coleta de esgoto. O relevo é de alta declividade, as ruas são estreitas, os pequenos terrenos estão completamente ocupados formando uma ocupação urbana de alta densidade, segundo censo de 2010, na época viviam 265.000 pessoas na Brasilândia em uma taxa de 1,26 habitante por metro quadrado. Equipamentos urbanos básicos para usufruto dos moradores praticamente não existem pois dificilmente pode-se encontrar espaços livres, tanto público como privado. O Espaço Cultural Jardim Damasceno é uma exceção desta lógica.

Um espaço aberto e livre, em um bairro adensado e vulnerável, é potencialmente o lugar de conexão, aproximando escolas, moradores, organizações sociais e comerciantes, promovendo condições para o desenvolvimento integral da comunidade. (Escola Sem Muros, citação de texto escrito para a Bienal de Veneza, 2018)

3.2. A ideia da imersão

Como dito acima, a falta de políticas públicas em relação à produção de habitações para as camadas menos assistidas fez com que loteadores clandestinos e a própria população ocupassem de forma irregular as áreas periféricas do município. Com isso, não houve um planejamento urbano real e um olhar mais técnico sobre a melhor forma

de se estabelecer no território. O que se constata nos dias de hoje é que há uma grande quantidade de habitações nessas áreas em situação de risco. A falta de saneamento básico e de um desenho correto das vias para o escoamento das águas pluviais, fato potencializado pela ausência de projetos arquitetônicos tecnicamente adequados para a localidade, acarreta deslizamentos de encostas, alagamentos, dificuldade de locomoção da população e dificuldade, quando não impossibilidade, de implantação dos serviços públicos essenciais, como a coleta de lixo.

Com a falta de organização do espaço no território e sem regras claras para seu uso, outro grande problema verificado é a falta de áreas verdes e de lazer nessas localidades, com a também irregular ocupação de áreas de preservação, nas bordas dos córregos ou em encostas. O alto índice de adensamento das construções não deixou quase nenhuma área livre nessas regiões.

É nesse contexto que o Espaço Cultural Damasceno se insere. A proposta da Escola sem Muros foi criar um lugar de encontro, de afetividade, um espaço cultural com áreas verdes e de lazer para a comunidade que habita aquela área; um “respiro” em uma região esquecida pelo poder público há mais de 70 anos.

No rincão destes morros e áreas adensada, onde chega a chuva e o esgoto existe o Córrego do Canivete, sua margem foi desapropriada em 2012 para a criação do Parque Linear no Canivete. No início do parque está a única edificação que não foi removida por resistência da população, o Espaço Cultural Jardim Damasceno (ECJD), e neste local, desde 1993 se desenvolvem atividades da comunidade. O ECJD é um galpão que foi construído na década de 1980, a partir de uma mobilização dos moradores da região pela reivindicação de infraestrutura básica no bairro, como: saneamento, iluminação, abastecimento de água e pavimentação das ruas. Pouco tempo depois, a EMURB (Empresa Municipal de Urbanização de São Paulo) instalou-se ao lado do ECJD para atender e orientar os moradores a respeito dos procedimentos de regularização fundiária.

No início da década de 1990, após deslizamento do morro, o galpão serviu como abrigo provisório para as famílias vítimas. Após a desocupação, passou a ser o espaço da recém fundada Associação de Moradores do bairro (08/05/93), a 25 anos o local acolhe diversas atividades culturais e socioambientais, saraus com poesia e música são tradicionais, também por muito tempo foi no ECJD a sede do exemplar programa “arte na rua” e outras atividades como oficinas de costura e reciclagem, cursos de alfabetização de jovens e adultos. O espaço recebe constantemente grupos de pesquisa de universidades como a USP e São Judas, lá acontecem diversas assembleias, atividades de conselhos municipais. Estes são alguns fatos que demonstram a relevância do ECJD para o bairro e a cidade de São Paulo.

3.3. A aproximação com a Permacultura

Para que nossa sociedade se desenvolva de forma mais sustentável e usufrua dos ganhos econômicos sdequados os desafios são imensos e pressupõem uma nova abordagem (nem tão nova assim) no tocante à forma como a população do planeta se apropria dos recursos naturais e como lida com as formas de ocupar o território, seja no meio rural, seja no meio urbano. No meio rural, é importante ter uma visão de como diversificar plantios, preservar áreas de floresta e restaurar biomas ameaçados para que, em conjunto, tais ações possam proteger as águas e enriquecer o solo, para que no futuro não nos falte terra para plantar e água para beber.

A permacultura, um conceito sistematizado pelo australiano Bill Molison, trata de entender as relações entre as várias camadas do desenvolvimento das plantas, suas relações com o meio circundante e o homem. Propõe um olhar sistêmico, onde as partes desse sistema se organizam de forma radial, em áreas de plantio, e essas conexões sensíveis potencializam a interação dos vários elementos em um todo. Assim, enriquecem ambientalmente a área que faz parte desse conjunto.

No caso das áreas urbanas, a sustentabilidade, termo que poderíamos facilmente substituir por ações coerentes com o meio, se dá de forma mais difusa e não tão clara como a relação homem-natureza, na área rural.

Imagine, então, transpor para o meio urbano os mesmos conceitos de permacultura, que já vêm sendo trabalhados, há algum tempo, em áreas rurais. Como seria essa abordagem?

Dentro desse contexto é que surge o coletivo **PermaSampa**, que sugere novos olhares e novas uma nova abordagem para se intervir na cidade, sobretudo em áreas abandonadas, residuais, subutilizadas e de vulnerabilidade social, onde o conceito básico da permacultura é o fio condutor para essa transformação.

O grupo PermaSampa na cidade de São Paulo se propõe a tratar das questões ambientais na cidade e com as pessoas que habitam esse território. Para isso, diversos cursos voltados a uma visão sistêmica sobre temas como, por exemplo, a forma como nos relacionamos com o ambiente construído e com a natureza, foram ministrados ao longo de três anos na Casa da Cidade, no bairro de Vila Madalena em São Paulo. Dentre esses cursos o Certificado de Design em Permacultura (*Permaculture Design Certificate* – PDC, na sigla em inglês) engloba diversos saberes, aprofundando conteúdos e práticas em quatro módulos ao longo de um ano.

A proposta e construção efetiva em alguma área da cidade fazem parte dessa proposta. Daí a escolha da região da Vila Brasilândia, no Jardim Damasceno, Zona Norte do município de São Paulo. Em 2015, devido a parceria do Coletivo Permasampa com a Secretaria do Verde, na gestão municipal de 2012-2016, onde o local foi sugerido pela Ana Velardi diretora da UMAPAZ na época, espaço voltado a educação ambiental do

município de São Paulo sediada no parque do Ibirapuera

3.4. Viabilidade da proposta de intervenção. Detalhamento do Projeto

Os cursos de permacultura na Casa da Cidade e nas imersões no Jardim Damasceno foram bastante enriquecedores sob vários aspectos, tanto como aprendizado prático e teórico de técnicas e conceitos usados na permacultura, como também no aspecto social, nas relações humanas e afetivas entre as pessoas que acreditam que é possível e viável a criação de um mundo mais justo, mais solidário, coerente e com mais qualidade de vida. Suscitou ainda que a abrangência das ações e discussões sobre as possibilidades de intervenção no território estavam tímidas e poderiam ser muito mais profundas. Algo que possibilitasse que cada intervenção fosse o polo gerador radial de mudanças permanentes e estruturadas, com a participação efetiva da comunidade.

Assim surgiu a proposta de implementar o projeto de reforma, ampliação e construção do Espaço Cultural Damasceno e para isso foi criado o programa **ESCOLA SEM MUROS** que busca construir equipamentos comunitários por meio de práticas pedagógicas integrando estudantes, profissionais e comunidade no processo de construção. Alguns dos integrantes desse coletivo também são os educadores ou alunos do curso de PDC (*Permaculture Design Certificate*). São os arquitetos Tomaz Lotufo, Henrique Pinheiro, Marcella Arruda, Flávia Burcatovsky, Cassio Abuno, Andressa Violeta, Ranyely Araujo.

A partir da vontade de ampliar as ações efetivas no território e da sistematização do material desenvolvido nos cursos de permacultura com a comunidade, desenvolveu-se uma discussão sobre as possibilidades de intervenção na área do Espaço Cultural Damasceno e seu entorno, elencando as diversas propostas para a área. Concluiu-se que, para uma efetiva mudança nos aspectos estruturais das carências da região, seria necessário desenvolver o projeto de reforma, ampliação e construção do galpão do Espaço Cultural Damasceno, transformando-o em elemento irradiador das propostas de melhorias para toda a área da comunidade.

A primeira ideia escolhida foi o detalhamento concreto do projeto do galpão utilizando estrutura de bambu, para desenvolver a construção em conjunto com as pessoas que usufruem do espaço e habitam na região, estudantes de arquitetura e pessoas interessas no tema. Assim, o projeto colaborativo do Galpão Damasceno e seus espaços internos e externos foi desenvolvido de forma participativa com a comunidade e alunos do curso de Permacultura PDC e, posteriormente, detalhado pelos arquitetos Cassio Abuno e Tomaz Lotufo do escritório colaborativo **SEM MUROS arquitetura integrada**.

Com o detalhamento do projeto, foi possível quantificar os materiais, o tempo de trabalho e a mão-de-obra necessária para a construção do galpão. Com todos esses dados em mãos, escolheu-se um tipo de financiamento coletivo online, denominado Benfeitoria, que é uma plataforma de mobilização de recursos para projetos de impacto cultural, social, econômico e ambiental.

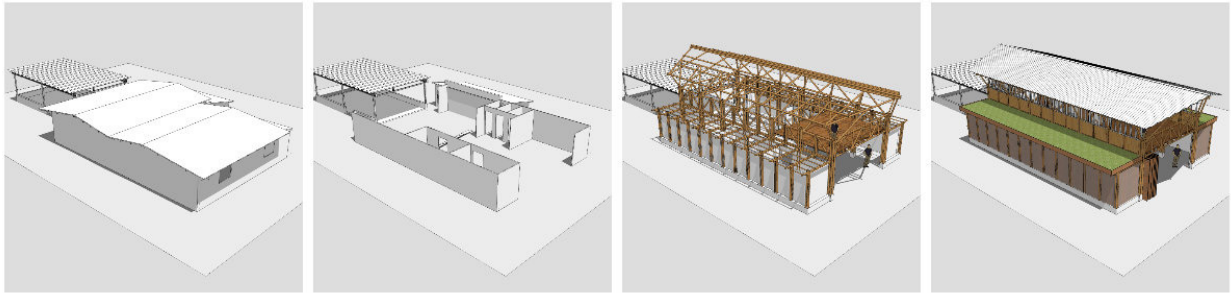


Figura 8,9,10 e 11: Desenvolvimento do projeto Espaço Cultural

Fonte: Escola Sem Muros

3.5. A campanha de financiamento coletivo

A campanha de financiamento coletivo teve início no dia 8 de novembro de 2017, na sede do Sindicato dos Arquitetos de São Paulo (SASP) com a palestra/conversa conduzida pela equipe de coordenadores da ESCOLA SEM MUROS, sobre as **intenções** da proposta de intervenção e com a apresentação do projeto para o galpão.

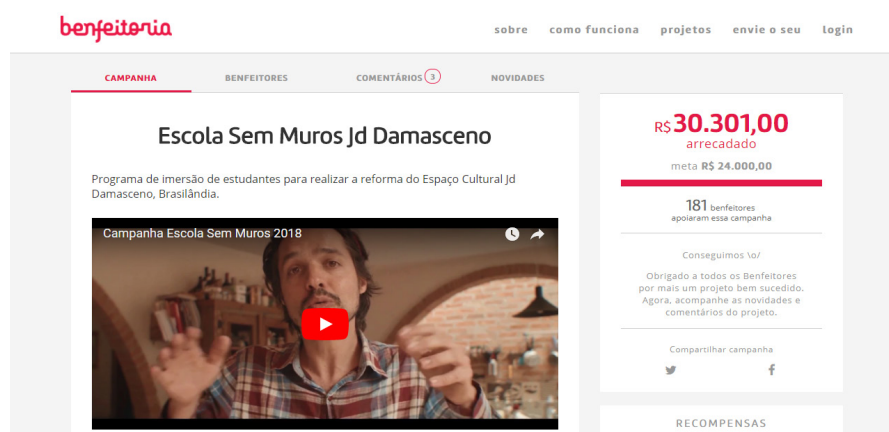


Figura 12: Página inicial da campanha de financiamento na internet

Fonte: Escola Sem Muros

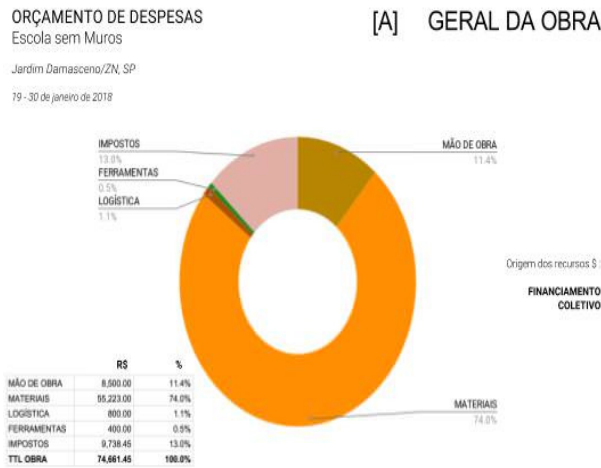


Figura 13: Página da campanha de financiamento na internet
Fonte: Escola Sem Muros

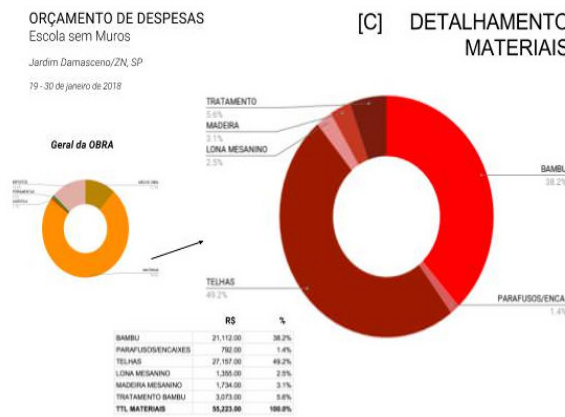


Figura 14: Página da campanha de financiamento na internet
Fonte: Escola Sem Muros

A campanha organiza-se da seguinte forma. O financiamento coletivo tem uma meta a ser alcançada pelo sistema, ou tudo ou nada. Isso significa que se não conseguisse atingir a meta proposta, ou seja, o financiamento total, no caso desse projeto do Espaço Cultural Damasceno o equivalente a 24.000,00 reais, todo o dinheiro arrecadado deveria ser devolvido. Se o financiamento coletivo alcançasse a meta proposta ou fosse além do teto estipulado, a campanha configurava-se como um sucesso.

Para estimular as pessoas a contribuírem para a proposta, estipulava-se uma série de “recompensas” que, nesse caso, variavam entre R\$ 10,00 até R\$ 1.700,00 reais.

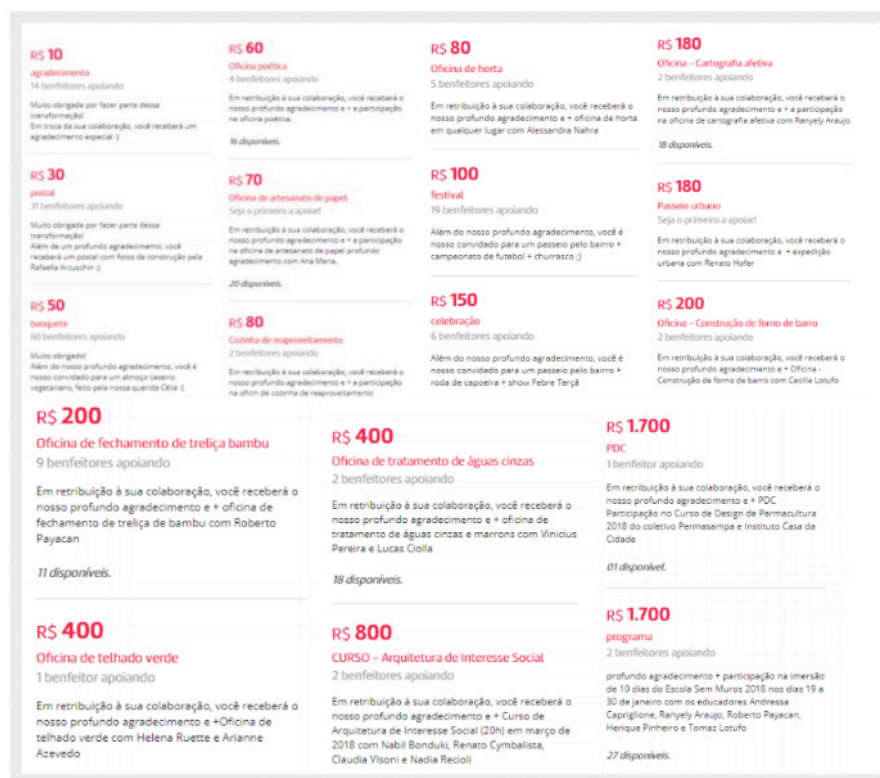


Figura 15: Página da campanha de financiamento na internet

Fonte: Escola Sem Muros

A campanha durou pouco mais de um mês, encerrando-se às 23h59 minutos do dia 14 de dezembro de 2017, totalizando R\$ 30.301,00 em valores arrecadados e contabilizando 163 benfeitores diretos pelo site e também com diversas ações para potencializar a arrecadação e aprofundar os conceitos da proposta pedagógica da ESCOLA SEM MUROS para quem tivesse interesse em saber mais.

Em primeiro de dezembro de 2017 na sede do Sindicato de Arquitetos de São Paulo (SASP) foram apresentados o projeto e o processo metodológico para o desenvolvimento do trabalho a ser executado pela escola Sem Muros, no Espaço Cultural Jardim Damasceno, e convite para aqueles que, de forma colaborativa, pudessem contribuir com os preparativos para a imersão que aconteceria na segunda semana de janeiro de 2018 na região da Vila Brasilândia.

Diversos colaboradores, acreditando na força da proposta de transformação social do projeto de imersão, de forma voluntária, organizaram diferentes ações para arrecadar fundos e dar suporte à empreitada. Uma das ações foi a doação de um curso de culinária de como fazer uma pizza no dia cinco de dezembro de 2017, pela proprietária Cecília Lotufo da Dona Rosa Pizzaria. Seriam abertas doze vagas a R\$ 80,00 cada, valores esses revertidos para o caixa da imersão.

No dia nove de dezembro de 2017, a equipe da Escola Sem Muros propõe um encontro para discussão e reflexões sobre os desafios dos dias atuais de viver em um mundo em transição e constantes transformações, buscando a direção de uma vida com

propósito. O tema proposto para discussão foi: “de que formas a relação com o espaço urbano pode ser encarada como oportunidade de inovação e criação de espaços de autonomia e (re)existência”. (Escola Sem Muros 2017). Durante a conversa, conduzida pela jornalista e criadora do website Cidades para Pessoas, Natália Garcia, foi servido um bobó vegano preparado por ela. A contribuição de R\$ 35,00 foi revertida para o projeto do espaço cultural. Por fim, no dia quatorze de dezembro, último dia para as doações na campanha de financiamento coletivo, foi organizada uma confraternização com os apoiadores e interessados para celebrar as conquistas do presente e planejar as ações do futuro.

4 | A IMERSÃO

Concluída a arrecadação necessária, via financiamento coletivo, tiveram início os trabalhos de imersão para a organização e planejamento do canteiro de obras e adequação das condições do barracão existente no local para o trabalho com os estudantes e a comunidade. A partir do dia 3 de janeiro de 2018 vários voluntários da comunidade compareceram ao local para começar os trabalhos de demolição de algumas paredes e do forro do Espaço Cultural, preparação da fundação para receber a nova estrutura e preparar a imersão, um curso de pedagogia prática e obra comunitária.

No dia 12 de janeiro de 2018, a uma semana para o início de imersão, a Subprefeitura chega com polícia, caminhão e escavadeira, com o objetivo de embargar a obra e recolher o material comprado com o dinheiro do financiamento coletivo que estava sendo utilizado nos preparativos.

Este fato demonstra como a cidade de São Paulo é construída na base da injustiça social, dos interesses de mercado e poder político. Depois de 25 anos de resistência dentro de um galpão precário construído com Madeirit e telhado de fibrocimento, realizando atividades socioculturais para superar a ausência do poder pública naquela região, quando cria-se condições de fortalecimento do espaço físico e da comunidade, chegam as autoridades para impedir esta emancipação.

Com o embargo da obra, a imersão foi redesenhada, afinal, ela não poderia deixar de acontecer pois o processo pedagógico em comunidades vulneráveis começa no entendimento da atuação de diversas forças que intervêm no espaço urbano. São movimentos como este promovido pela subprefeitura que dificultam o acesso das pessoas ao espaço público, tentando deslegitimar as organizações sociais. Nesta lógica é que são excluídas as mulheres, idosos e crianças da cidade.

Decidiu-se na imersão pré-fabricar os componentes estruturais como por exemplo as tesouras de bambu e guarda-los para quando a obra fosse liberada. Também foram propostas atividades e ciclos de conversa com ativistas da cidade de São Paulo, ONG's e grupos culturais. Com este novo formato a imersão aconteceu fomentando o primeiro

entendimento da pedagogia prática, o do direito a cidade.



Figura 16: Programação dos dias da imersão

Fonte: Escola Sem Muros

4.1 Primeiro dia, 19 de janeiro de 2018

No primeiro dia de imersão no espaço do Jardim Damasceno, os inscritos foram recepcionados pelos educadores/facilitadores e por pessoas da comunidade. O primeiro momento foi de aproximação lenta, de observação curiosa e maior percepção do espaço, bem como de suas relações com o entorno. Entre os participantes estavam estudantes de arquitetura, educadores de diversas áreas e de várias cidades dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, além de pessoas interessadas e atuantes no tema.

Dentro da proposta pedagógica do grupo da Escola Sem Muros, destaca-se a importância de mostrar aos participantes que todos os nossos sentidos são fundamentais para o desenvolvimento do processo educacional, intenção última dessa imersão, não só no que se refere à construção do espaço cultural em si, mas também, durante o processo projetual de escolhas, naquilo relativo às discussões e análise crítica do meio onde se insere o galpão e de suas relações com a comunidade.

É necessário articular todos esses elementos nas diferentes esferas - corpo, mente e meio. Assim ao longo dos dez dias de imersão, não só os aspectos da prática construtiva foram trabalhados, mas também algumas dinâmicas mentais e corporais, tudo enriquecido

por rodas de conversas, palestras e debates sobre experiências e conteúdos da temática proposta para o encontro, ou seja, a junção de diferentes saberes nas questões abordadas no início da construção desse processo participativo de intervenção em território de vulnerabilidade social, suas qualidades e suas mazelas, para que o resultado seja a proposta e o desenvolvimento de um trabalho participativo/coletivo coerente com a realidade no local.

Nesse contexto depois da recepção e aproximação inicial, sugeriu-se que todos participassem de uma atividade conjunta, no caso uma dinâmica de relaxamento com dança circular, para que o corpo e a mente iniciassem o processo de conexão entre as partes.

A seguir, houve a distribuição de cadernos que contam um pouco da proposta da Escola Sem Muros, do Espaço Cultural Jardim Damasceno, da programação da imersão e com algumas folhas em branco para anotações e desenhos/croquis.

Como a intenção da proposta, no sentido amplo da palavra, era construir toda uma ideia de forma participativa, dentro da dinâmica desse processo cada um deveria ter responsabilidades em relação ao grupo maior e, portanto, alguns grupos de trabalho foram formados. Cada um deles seria assessorado por um facilitador para cuidar do planejamento daquele período de imersão e ficaria responsável por algumas atividades principais, a saber: compra nas feiras da região e preparo dos alimentos; limpeza e organização dos espaços de trabalho e descanso; entretenimento das crianças da comunidade com brincadeiras, jogos e oficinas; orientação dos participantes nas diversas práticas de construção; suporte geral para o melhor funcionamento de todas atividades ao longo desse período de aprendizagem e ensinamentos.

4.2 Segundo dia, 20 de janeiro de 2018

Para acomodar os participantes da imersão fez-se uma parceria com uma organização não-governamental, CCA arte na rua (Centro da Criança e do Adolescente), responsável por um trabalho com crianças e adolescentes na região. Com sede própria instalada na parte mais alta da comunidade, portanto, inserida no tecido urbano existente, a organização garante um espaço para atividades extracurriculares no contraturno escolar, proporcionando aos adolescentes e crianças da comunidade atividades pedagógicas e alimentação durante o ano letivo. O problema é que, nas férias, esse espaço não funciona e, assim, o Espaço Cultural do Jardim Damasceno faz esse papel, tornando-se uma importante referência para a educação das crianças.

Duas salas desse espaço foram transformadas em alojamento coletivo para os participantes após a fixação de regras de convivência sugeridas de forma participativa pelo grupo, como limpeza do local, uso das instalações sanitárias, preparo do café da

manhã e do jantar, lavagem da louça e qualquer atividade necessária para melhor uso coletivo do espaço.

Amanhece no Jardim Damasceno e a equipe do café da manhã, já está a postos. Depois de bem alimentados para um dia inteiro de trabalho, e do último gole de café, os participantes iniciam a descida de mais ou menos 15 minutos até o espaço cultural, que fica na cota mais baixa da região, no fundo do vale. Vale ressaltar que, depois de um dia inteiro de trabalho, essa descida de 15 minutos, transforma-se facilmente em uma subida íngreme de 30 minutos.

A caminhada do alojamento até a área de intervenção também faz parte do processo de trabalho e é, de fato, uma situação importantíssima para a aproximação dos participantes com o território, com as pessoas que lá habitam e com seu cotidiano. A partir da caminhada é possível entender um pouco e de forma mais natural a dinâmica das relações daquela população com o território construído. Cada descida é feita por um caminho diferente, cada dia um novo percurso, com novas descobertas, novos olhares, novas visuais, novos encontros. A apreensão real da cidade, percebida e vivida. Nada de conceitos abstratos sobre como as pessoas vivem nesses lugares, mas a realidade como ela é na sua essência, dura, dolorida, sem análises românticas de como seria a vida nas periferias de São Paulo. A vida real como é a vivida nessa parte da periferia da capital paulista.

Ao final do percurso de descida chegava-se no espaço cultural. Antes de tudo, era necessário organizar o espaço para dar início às atividades: limpeza, retirada de uma grande mesa do depósito e seu transporte para o espaço e colocação de cadeiras.

Ao lado do galpão a ser reformado, há um campo de futebol que faz parte daquele espaço cultural. O campo serviu para acolher as práticas físicas, dentro da proposta de dinâmica corporal matinal, ou seja, para acordar o corpo, integrar e alinhar a respiração.

A seguir, a roda formada para os exercícios físicos era substituída por uma roda de conversa com as pessoas da comunidade e a líder comunitária Noêmia Francisca, à frente do Espaço Cultural Damasceno há mais de 25 anos e pessoa fundamental na luta pelos direitos da população, acesso à cultura e à educação na região. A líder comunitária falou um pouco sobre a história daquele lugar e, junto com outros moradores, relembrou de fatos que os marcaram e que aconteceram ao longo dos anos.



Figuras 17: Jardim Damasceno década de 1980

Fonte: jornal Frequesia News. Caderno de apresentação sobre o projeto Espaço Cultural

Após os relatos dos moradores e de Noêmia Francisca, a equipe de educadores/facilitadores da Escola Sem Muros expôs a intenção do seu programa de trabalho em comunidades em vulnerabilidade social, com base em uma pedagogia de arquitetura colaborativa processual: atuar no Espaço Cultural Damasceno com a participação das pessoas que moram na região e dos participantes da imersão.

A pausa para o almoço vegetariano, produzido por diversas mãos, de acordo com a proposta do trabalho coletivo em diferentes frentes, traduzia não só o ato de alimentar-se, mas um momento para discutir as informações assimiladas ao longo da manhã, compartilhando sensações, percepções e sentimentos. Além disso, o almoço era sempre aberto às pessoas da comunidade que se dispunham a colaborar com os trabalhos, às crianças que usavam o espaço ou estavam de férias e aos participantes da imersão.

A parte da tarde trouxe uma reflexão mais teórica, a partir da conversa sobre Educação Libertária, com os educadores Sócrates Magno Torres e Carol Sumie, esta última também psicóloga e uma das fundadoras da Escola Politeia, que se propõe a uma nova abordagem em relação ao sistema pedagógico. Bastante proveitosa, a conversa girou em torno de temas como a diferença entre educação popular e educação social, e sobre o que a escola impõe hoje aos seus alunos, entre outros temas importantíssimos.

Terminada a conversa bastante enriquecedora com os convidados, a atividade seguinte era uma oficina para fabricação de canecas de bambu, sob o comando do mestre bambuzeiro Roberto Payacan. A prática foi importante para que os participantes pudessem ter o primeiro contato direto com o material, sentir a textura, o peso e entender as suas propriedades técnicas em uma escala de fácil manuseio, inclusive para as crianças que quiseram participar daquele momento. Afinal, elas também faziam parte da vivência, já que a transformação coletiva também atuava no espaço de brincadeiras. Roberto Payacan fez uma breve explicação sobre a história e as características do bambu, mas que seriam aprofundadas mais à frente na imersão, quando da execução da estrutura do galpão e das tesouras da cobertura.

4.3. Terceiro dia, 21 de janeiro de 2018

A dinâmica corporal desse terceiro dia resumiu-se a uma prática de automassagem, com o objetivo de levar cada participante da imersão a entender seu próprio corpo e a aprender a cuidar dele.



Figuras 18: Dinâmica de grupo automassagem.

Fonte: Autor

Depois disso teve início a explicação do projeto em si, a parte prática tão esperada! Aproveitando a oportunidade do dia, de construir com bambu, foi organizada outra roda de conversa com as pessoas que mais entendem desse material multifacetado: os construtores e artesãos educadores Roberto Payacan, Pedro Aquino Burgos e Jair Vieira.



Figuras 19: Início dos trabalhos da construção da tesoura de bambu.

Fonte: Autor

À noite, depois do jantar, seguiu-se outra interessante discussão sobre o documentário *Visionários da Quebrada*, com as autoras desse admirável projeto que procura mostrar a criatividade que existe e brota de dentro das periferias das grandes cidades, no caso de São Paulo. O documentário busca revelar a produção de conhecimento e a imensa criatividade existente nas periferias paulistanas, de pessoas que contribuem para transformar suas comunidades, criando novas narrativas. O filme traz um olhar curioso e rico de dentro das periferias de SP e sobre elas.

4.4. Quarto dia, 22 de janeiro de 2018

Amanhecia no Jardim Damasceno e os participantes, já acostumados com a rotina diária, preparavam-se para mais um período de aprendizado e reflexões.

No quarto dia de imersão, o exercício sugerido aos participantes e as pessoas da comunidade foi compreender como o edifício do Espaço Cultural se relaciona com o entorno, quais eram as condicionantes de projeto que fragilizariam ou potencializariam as necessidades do local e da vida das pessoas. Tal leitura do território e da paisagem circundante foi coordenada pela arquiteta e urbanista Fernanda Ravanholi, e teve como produto final a realização de um grande mapa sensorial registrando os olhares e as novas ideias.

A discussão participativa sobre o mesmo território, mas com diferentes olhares, enriqueceu a leitura sobre o território. O contraponto de percepção sobre o espaço verificado

entre aqueles que habitavam a região e aqueles que estavam lá só de passagem, nos dez dias de imersão, verificou-se um caldeirão rico em possibilidades de transformação. A construção de um projeto colaborativo e participativo, deveria sempre partir dessa premissa básica, que é a diversidade de atores, de gênero, classe social, faixa etária, raça, entre outros critérios.



Figuras 20: Desenvolvimento de projeto colaborativo

Fonte: Autor

4.5. Quinto dia, 22 de janeiro de 2018

O quinto dia de imersão começou com uma nova rodada de dança circular. Todos, adultos e crianças, dirigiram-se ao campinho de futebol e formaram uma grande roda. A prática, dessa vez, foi comandada por um dos participantes Felipe Chammas, sempre objetivando aguçar a concentração de todos no momento presente, aspecto importante para preparar mental e fisicamente os participantes para o longo dia pela frente, pois a dança circular, além de trabalhar, focar e relaxar a mente, alonga os músculos do corpo para o trabalho braçal que estava por vir.

Depois da dinâmica, tiveram início os trabalhos práticos participativos, sempre coordenados por pelo menos um facilitador, para que a teoria, a execução e os processos se fundam em um só pensar e fazer.

Com algumas frentes já definidas na proposta inicial da imersão, ao longo dos primeiros dias e depois do mapa sensorial conjunto definiu-se continuar a execução da

estrutura de bambu das tesouras da cobertura do Espaço Cultural; ajustar o projeto e fazer a estrutura da escada/arquibancada (proposta definida no exercício do mapa sensorial colaborativo) que ligaria o campo ao espaço cultural e trabalhar na horta comunitária, na parte de limpeza, plantio e organização interna e na delimitação do espaço interno, com uma cerca de bambus em pontaletes e tirantes.

Depois do almoço, durante roda de conversa com Nádia Reciole do Coletivo Permasampa e Jaison Lara da organização Ecoativa propôs-se uma conversa e reflexão sobre o direito à cidade e os conceitos da permacultura urbana, entendendo-se que as duas propostas se fundem com o mesmo objetivo, que é dar autonomia a população nas escolhas de como ocupar o território de forma sustentável, fortalecer laços de vizinhança, ampliar a percepção e exemplos de ações coletivas e colaborativas que deram certo. Entender o território, compreender os diferentes atores que fazem parte da comunidade e conjuntamente construir estratégias e ações para as transformações sociais. Logo depois dessa conversa, o grupo Fast Food da Política propôs a discussão sobre a região e suas questões de forma lúdica, a partir de jogos sócio/políticos, bastante interessantes para se refletir sobre os conceitos abordados na conversa.

4.6. Sexto dia, 23 de janeiro de 2018

No sexto dia de imersão, os coletivos Horta de Gueto e Batatas Jardineiras expõem sua filosofia de ação e propostas de intervenções na cidade: apropriar-se dos espaços vazios da malha urbana plantando e permitindo que os cidadãos incorporem os espaços da cidade abandonados, degradados e esquecidos, em espaços vivos, produtivos e mais humanos. Depois da conversa, de reflexões e de algumas dicas técnicas de como trabalhar em uma horta, organizou-se um grupo para a montagem de canteiros, poda de árvores e arbustos, e plantio de mudas.

Outro grupo continuou a trabalhar com a construção da escada que liga o campo de futebol ao espaço cultural. Interessante é perceber que o projeto vai se adequando ao longo do processo de construção, incorporando detalhes sugeridos por participantes de outros grupos e ajustando o que se pensou no papel com a realidade do terreno, o local da construção.

Outra frente de trabalho continuava a execução das tesouras de bambu, cada vez mais perfeitas, devido ao aprendizado do fazer ao longo dos dias da imersão.

Enquanto os trabalhos prosseguiam, atividades extras eram propostas para entreter também as crianças. Aulas de culinária, de como fazer um pão de queijo, as etapas, o trabalho em equipe, organização mostrada como um reflexo da metodologia do curso de imersão na perspectiva da criança.



Figura 21: Organização da cerca de bambu da horta comunitária.

Fonte: Autor



Figura 22: Culinária com as crianças

Fonte: Autor

4.7. Sétimo dia, 24 de janeiro de 2018

O trabalho começou cedo e continuou intenso durante toda a manhã, nas três frentes de construção que seguiam a todo vapor, já que o objetivo era terminar a tesoura da estrutura do telhado para visualizá-la por inteiro. Finalizar a escada para a criança ter

como acessar o campo de futebol de forma segura e também poder descansar depois de brincar.



Figura 23 e 24: Construção da escada/arquibancada para o campo de futebol.

Fonte: Autor

Logo depois do almoço, uma nova roda de conversa trouxe o tema “Tecendo Comunidades”. Os facilitadores foram os educadores Ranyely Araujo e Fábio Miranda da Favela da Paz e a arquiteta Paula Lobato do coletivo Cozinha Comum, de Belo Horizonte. Cada um deles falou um pouco sobre as iniciativas das quais fazem parte, dos desafios encontrados no caminho, das surpresas e também dos resultados obtidos.

Nesse meio tempo, o grupo responsável por completar a tesoura da cobertura conseguiu terminá-la e a peça foi levada até a frente do espaço cultural e erguida como ato simbólico mostrando que, independentemente dos contratemplos que surgissem, a construção iria acontecer.

4.8. Oitavo dia, 25 de janeiro de 2018

O oitavo dia da imersão no Espaço Cultural Damasceno foi atípico. Logo cedo, o grupo foi até o município vizinho de Perus, para um encontro com a comunidade cultural Quilombaque. Esta é uma organização sem fins lucrativos que surgiu em 2005, a partir da iniciativa de um grupo de jovens, moradores de Perus, outro bairro periférico da zona noroeste de São Paulo e que concentra os piores índices socioeconômicos e culturais, onde as maiores vítimas são os jovens.

4.9. Nono dia, 26 de janeiro de 2018

O penúltimo dia da imersão encontrou os participantes bastante ativos e mergulhados no trabalho com o bambu, finalizando tudo o que havia sido começado para não deixar nada pela metade quando a imersão acabasse. Depois do almoço, a educadora Solange Amorim conduziu uma conversa bastante rica sobre territórios educadores e autogestão,

a luta por qualidade no ensino, como catalizador de transformação social, a relação de pertencimento do território como algo vital para o enriquecimento do indivíduo como cidadão completo.

No final da tarde, quase anoitecendo, Fernando Ferreira, participante do primeiro PDC de permacultura no Jardim Damasceno, morador da região e colaborador atuante nas ações sociais e discussões para a comunidade da Brasilândia, conduziu uma profunda reflexão sobre o aprendizado, os encontros e as vivências. A discussão se deu em torno de uma grande fogueira, já que o fogo simboliza purificação, queima de conceitos fechados e o abrir espaço para o novo e para o outro. Foi um importante momento para entender todo o processo causado pela imersão e incorporado na vida de cada um dos participantes, a partir da interação com a comunidade e o território. Foi um trazer à luz da sociedade a vertiginosa desigualdade social existente nos municípios brasileiros, principalmente nas periferias das médias e grandes cidades e, como em conjunto, de forma colaborativa e participativas, diferentes atores da sociedade civil podem sugerir caminhos de transformação dessa realidade para os governantes.

4.10. Décimo(último) dia da imersão, 27 de janeiro de 2018

“Depois de dez dias juntos(as), construindo, aprendendo, cozinhando, ouvindo, colaborando e refletindo, é hora da despedida. Tudo continua, mas de um jeito diferente. O mesmo pode até continuar, mas muito mais rico e vivenciado de forma muito mais intensa.” (Coletivo Escola Sem Muros, 2018)

Para finalizar esse ciclo, um novo encontro com o grupo Quilombaque em uma roda de Jongo.



Figura 25: Participantes do curso e a comunidade.

Fonte: Escola Sem Muros

5 | AS CRIANÇAS DA COMUNIDADE NA IMERSÃO

Importante salientar a participação, o convívio e a troca de experiências com as crianças da comunidade que trouxeram diferentes olhares e outras perspectivas sobre a construção dos espaços da cidade.

Ao longo de toda imersão, as crianças compartilhavam os espaços, oficinas e momentos de aprendizados. Como janeiro é um período de férias escolares, o Espaço Cultural é naturalmente o ponto de encontro e de brincadeiras, nada mais justo que incorporar as crianças na programação dos eventos. Algumas ações foram moldadas com características específicas para garantir que os participantes se relacionassem com as crianças da comunidade. Além disso, mas não menos importante, as oficinas para os adultos eram assimiladas pela criançada de forma livre, descontraída e, com muito empenho, pelos pequenos cidadãos e pelas pequenas cidadãs.

Na oficina sobre a leitura do território circundante, o olhar sensível das crianças despertou os participantes para que fossem feitas propostas de ligações ativas entre pontos estratégicos subutilizados no tecido urbano da comunidade, enriquecendo os percursos feitos pelas crianças, qualificando o caminhar cotidiano, casa / área de brincar / espaços coletivos assistidos.

Tais conexões formariam a capilaridade de um percurso seguro, com boa caminhabilidade e indutor de desenvolvimento para o crescimento sustentável da criança em seu espaço, a percepção do mundo e inserção do pequeno ser no território construído (ou autoconstruído) na cidade informal. Para que se possa pensar em possibilidades de construção coletiva dos espaços, é de suma importância ter a escala da criança como protagonista para a concepção de instrumentos projetuais que sejam indutores de transformações reais no espaço.



Figura 26: Crianças brincando nos brinquedos de bambus.

Fonte: Autor



Figura 27: Brincadeiras da imersão em conjunto com as crianças

Fonte: Autor

6 | ESPAÇO CULTURAL JARDIM DAMASCENO: O PROJETO ARQUITETÔNICO NA BIENAL DE VENEZA

O projeto do Espaço Cultural Jardim Damasceno, proposta realizada na Vila Brasilândia, em SP, e coordenada pelo grupo ESCOLA SEM MUROS (ESM), foi selecionada para participar do pavilhão brasileiro na 16ª Bienal de Arquitetura de Veneza”mostra realizada de 26 de maio a 25 de novembro de 2018. Em um paralelo com o nome do programa ESM, curiosamente o tema do pavilhão foi “Muros de Ar.As pranchas desenvolvidas para a seleção no Brasil, mostraram todo o processo de projeto em conjunto com a comunidade, enfatizando o uso de materiais de baixo impacto ambiental, o caráter pedagógico de sua construção conjunta entre estudantes e moradores locais e da campanha de financiamento coletivo realizada para arrecadar parte da verba necessária para a compra de materiais da obra. Informavam ainda que faltava apenas a aprovação da prefeitura para dar continuidade à obra.

Este projeto é parte de um processo de resistência e luta dos moradores do Jardim Damasceno na ocupação desta borda da cidade de São Paulo desde 1960.

Aqui a arquitetura tem sua força na apropriação e legitimação do território, junto aos moradores. Um espaço aberto e livre, em um bairro adensado e vulnerável, é potencialmente o lugar de conexão, aproximando escolas, moradores, organizações sociais e comerciantes, promovendo condições para o desenvolvimento integral da comunidade.

A beleza da arquitetura neste contexto está no processo. Valoriza-se neste projeto o espaço entre o desejo e o uso, o construir e habitar. No desenho, os momentos de convergência de ideias e criação, conexão entre saberes, participação popular em

comunhão com arquitetos(as)

(texto do memorial da Escola Sem Muros apresentado para a Bienal de Veneza)

As figuras 28 a 30 demonstram as pranchas que foram apresentadas para o processo de seleção no Brasil. As figuras 31 a 34 são fotografias do painel e maquete expostos em Veneza.

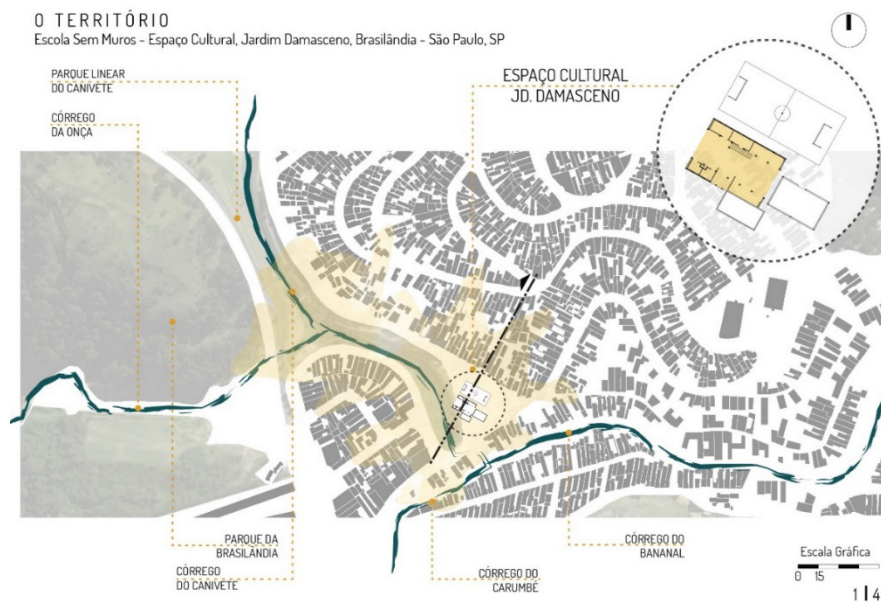


Figura 28: Prancha implantação Espaço Cultural Jardim Damasceno, Brasília, SP.

Fonte: Escola Sem Muros

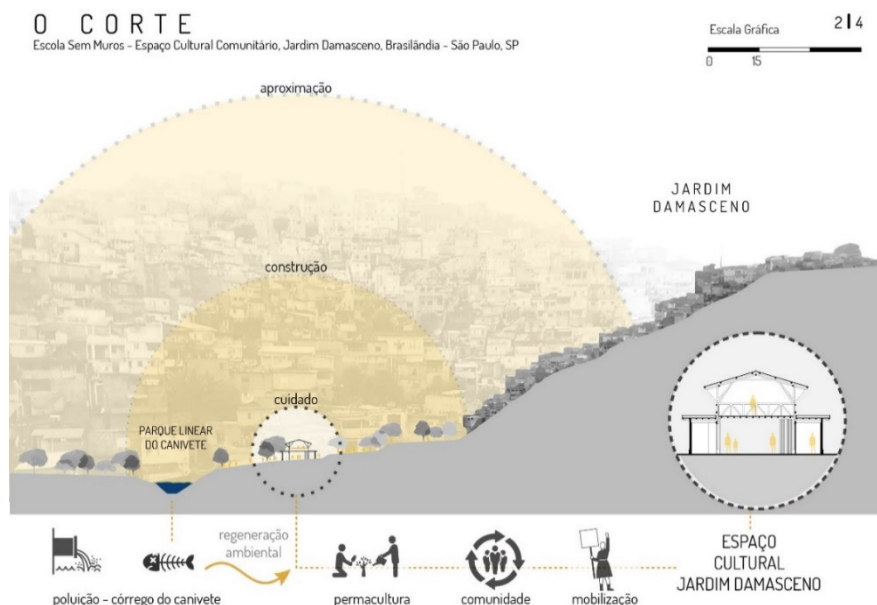


Figura 29: Prancha corte terreno Espaço Cultural Jardim Damasceno, Brasília, SP.

Fonte: Escola Sem Muros

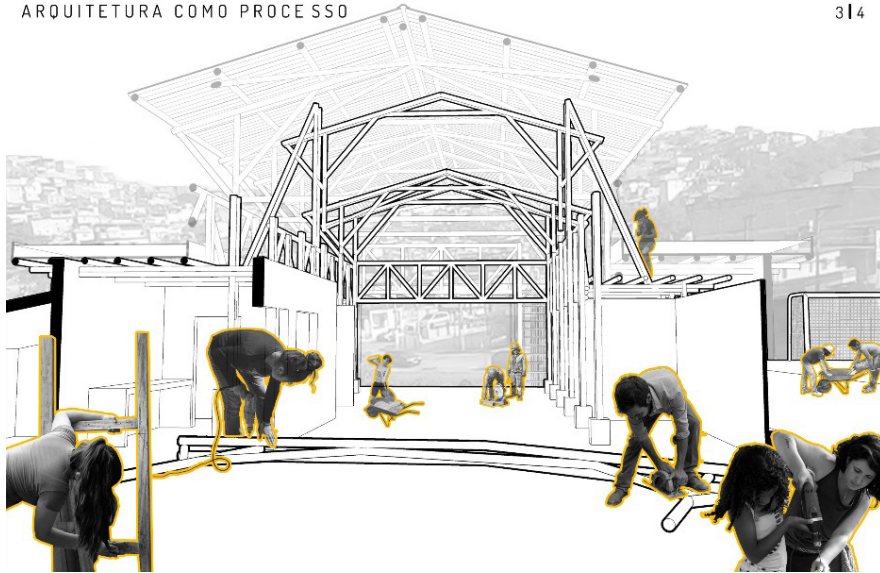
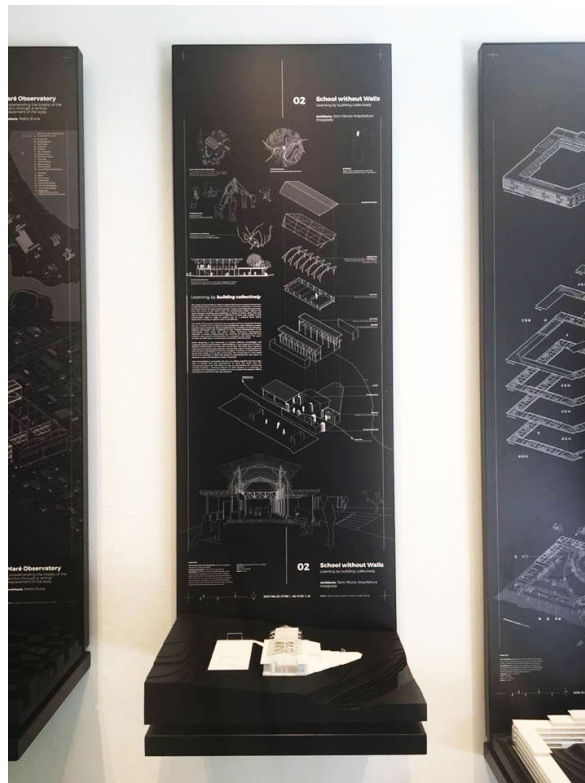


Figura 30: Prancha vista frontal Espaço Cultural Jardim Damasceno, Brasilândia, SP.

Fonte: Escola Sem Muros



Figuras 31: Exposição Espaço Cultural Jardim Damasceno na 16ª Bienal de Veneza de 2018.

Fonte: Escola Sem Muros



Figuras 31: Exposição Espaço Cultural Jardim Damasceno na 16ª Bienal de Veneza de 2018.

Fonte: Escola Sem Muros

7 | CONCLUSÃO

Este artigo propõe uma reflexão de como a sociedade civil, pode atuar, de forma coletiva e participativa, em áreas de vulnerabilidade social, que não dispõem de serviços públicos básicos e nem tampouco de propostas governamentais de requalificação urbana que tragam melhorias efetivas para a população .

A ideia de potencializar a relação de pertencimento com o território, construindo conjuntamente possibilidades de intervenções, lançando mão de instrumentos projetuais colaborativos e entendendo as conexões entre os espaços fragmentados da periferia e uma leitura coerente da paisagem circundante, faz com que o espaço projetado não seja apenas um espaço, mas possa se transformar em lugar, na mais abrangente acepção do termo.

Além disso, deve-se salientar o papel de todos – homens, mulheres e crianças - na conformação desses espaços.

Para isso, a importância de reunir profissionais de várias áreas como educadores e facilitadores desse processo transversal de conhecimento, traduzido em ação prática de transformação do território, é essencial para se buscar um mundo mais igualitário, sustentável e mais humano.

A proposta do coletivo de arquitetos e arquitetas Escola Sem Muros sugere um caminho rico nessa perspectiva, de fortalecer relações colaborativas e atuar de forma prática na construção de uma nova paisagem, mais humana e coerente com os anseios da população local.

A experiência da imersão no Jardim Damasceno demonstrou que a pedagogia prática em áreas de vulnerabilidade social envolvendo estudantes, educadores, comunidade local e profissionais, pode ser um dos caminhos de superação da quase inexistência da presença de arquitetos nestes espaços. Este processo demonstrou que aprender fazendo em situações reais preenchem uma lacuna no ensino, o entendimento da arquitetura de maneira integral. Arquitetura além da forma, com peso e trabalho humano, contextualizada ao lugar e as pessoas.

O impedimento de continuidade da obra e a persistência em realizar a imersão da Escola Sem Muros no Jardim Damasceno revelou a ausência de direito à cidade e a percepção da importância deste trabalho para legitimar o espaço no contexto urbano. Se a cidade é desenhada por interesse pessoais e não coletivos, ela deixa de pertencer a todos e todas. Neste estudo foi possível perceber que projetar e construir coletivamente promove o entendimento do comum, de como cuidar do coletivo, quais são os deveres e direitos para se ter uma vida digna.

Portanto processos como o apresentado neste artigo são ações necessárias para promover inclusão e situações de vulnerabilidade social.

REFERÊNCIAS

ÁUSTRIA. URBAN DEVELOPMENT VIENNA. *Gender Mainstreaming in Urban Planning and Urban Development*. Vienna: Hozhausen Druck Gmbh, 2013. 104

BERTUOL, C. *A criança e o Estatuto da Criança e do Adolescente: um estudo sobre a polissemia da criança nos espaços públicos*. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

BERTUOL, C.; SPINK, M. J. P. (2008). *Crianças no espaço urbano: Um estudo sobre políticas públicas no contexto das “cidades amigas da criança”*. Tese de doutoramento em Psicologia social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 160p.

Concept Paper 2016 (DRAFT). *Urban 95 Latin América*. Bernard van Leer Foundation.

CORTÉS, José Miguel G. *Políticas do espaço. Arquitetura, gênero e controle social*. São Paulo: Senac, 2008.

DEAN, A.O.; & Hursley, T. *RURAL Studio Samuel Mockbee and an Architecture of Decency*. New York: Princeton Architectural Press. 2002.

HART, R. *Children cities and Psychological theories*. New York: UNICEF. 1997

HOLMGREN, David. *Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade*; tradução Luiza Araújo. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. 1ª ed. São Paulo: Moraes, 1991. (p. 96-109).

_____. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins, 2006 (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Anthropos, 2000).

LOTUFO, Tomaz A. *Um novo ensino para outra prática. Rural Studio e Canteiro Experimental: contribuições para o ensino de arquitetura no Brasil*. 2014. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LYNCH, K. *Growing Up in Cities: Studies of the Spatial Environment of Adolescence in Cracow, Melbourne, Mexico City, Salta, Toluca and Warsaw*. UNESCO: 1977.

MOLLISON, Bill. *Permaculture: a designer's manual*. Second edition. Tagari Publications, Austrália, 1988.

MOLLISON, Bill; Slay, R. M. *Introdução a Permacultura*. Tradução: André Soares. PNFC, MA, Fundação Daniel Efraim Dazcal, Brasília, 1998.

MONTANER, Josep Maria.; MARTINEZ, Zaida Muxi. *A cidade próxima: o urbanismo sem gênero*. In: *Arquitetura e Política: Ensaio para mundos alternativos*. Barcelona: G. Gili, 2011, p.197-210.

_____. *Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação*. Barcelona: G. Gili, 2017.

MONTANER, José M. *Do diagrama às experiências, rumo a uma arquitetura de ação*. Barcelona: G. Gili, 2017.

MORROW, Rosemary. *Permacultura passo a passo*. Ecocentro IPEC. PAL/Ecocentro IPEC, IPEP, IPA, OPA, 1993.

MUXI, Zaida. *Ateliês Participativos. Construção do conhecimento. Atividades Práticas*. Arquitetura e política com Josep Maria Montaner. Barcelona: G. Gili, 2014.

PIRES, Célio. BRASILÂNDIA. Disponível em: < www.spbairros.com.br/brasilandia>. Acesso em 05 de outubro de 2018.

RURAL STUDIO at twenty. *Designing and building in Hale County, Alabama*. Andrew Freear, Elena Barthel, Andrea Oppenheimer Dean. 2014

SMALL CHILDREN - Big Cities. *Child-Friendly 21st -Century India*. November 2014. New Delhi, India. Impact Through Design Intervention. 2014

SPINK, M. J. P. (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. São Paulo: Cortez, 1999.

SPINK, M. J. P.; SPINK, P. K. (org.). *Práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade*. Uma semana de notícias nos jornais. São Paulo: Cortez, 2006.

TAVARES, Rossana B. *Uma análise das desigualdades de gênero em favelas do Rio de Janeiro: Perspectiva do reconhecimento para o urbanismo*: Caderno de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, v. 12, n. 2, 2016, p. 48-67. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgau/article/view/6091/4401>>. Semestral. Acesso em: 23 abr. 2016.

TONUCCI, Francesco. *La città dei bambini: um modo nuovo di pensare la città*. Milano: Zeroseiup, 2015,

WARD, C. *The Child in the City*. New York: Pantheon, 1979, p. 128.

WEISMAN, Leslie K. 'Women's Environmental Rights: A Manifesto' from *Heresies: A Feminist Publication on Art and Politics*. In: RENDELL, Jane et al. *Gender, Space and Architecture: an interdisciplinary introduction*. London: Routledge, 2003. p. 1-5.

WIEN GV. Rodolf-Bednar-Park. Disponível em: <<https://www.wien.gv.at/english/environment/parks/bednar.html>>. Acesso: 10 maio 2018.

WILSON, Elizabeth. *Sexuality and Space*: Edited by Beatriz Colomina. Harvard Design Magazine, Cambridge, n.1, 1997, semestral. Disponível em: <<http://www.harvarddesignmagazine.org/issues/1/sexuality-and-spaceedited-by-beatriz-colomina>>. Acesso em 15 maio 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agricultura Urbana 116, 118, 122, 126

Análise Espacial 13

Arborização Urbana 24, 63, 65, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 84, 85, 86, 87

Áreas Verdes 5, 21, 36, 37, 41, 42, 60, 63, 64, 65, 75, 82, 87, 101, 117, 162, 171, 195, 241

Assentamentos Sustentáveis 219

C

Calçada 79, 267, 276, 278, 291

Cambio Climático 30, 31, 37, 61

Caminhabilidade 259, 267, 269, 270, 272, 276, 278, 289

Cidade 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 16, 17, 18, 22, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 84, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 101, 103, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 125, 129, 130, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 159, 160, 161, 162, 163, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 184, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 210, 212, 213, 215, 217, 231, 234, 235, 236, 237, 240, 241, 242, 243, 247, 248, 250, 255, 259, 260, 264, 265, 267, 268, 269, 270, 276, 278, 280, 281, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 290, 291, 292, 294, 295, 296, 297, 299, 301, 303, 307, 308

Cidade-Jardim 159, 160, 162, 171

Comunidades Alternativas 219, 226, 232

Comunidades Intencionais 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 229, 231

Convívio Social 105, 188, 279, 280, 285, 286, 291

Crescimento Urbana 102

Cultura da Sustentabilidade 219

D

Desenvolvimento Sustentável 1, 3, 4, 6, 8, 9, 10, 12, 86, 177, 224, 225, 231, 288, 294

E

Ecologia de Paisagens 13

Ecologia Urbana 116, 120, 121, 123, 125

Escola Sem Muros 234, 235, 236, 238, 240, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 258, 260, 261, 262, 263, 264

Espaços Públicos 27, 84, 88, 89, 91, 92, 93, 97, 98, 100, 101, 204, 264, 267, 268, 269, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 288, 289, 290, 291, 292

Evolução Urbana 10, 129, 144

F

Fragmentação Espacial 13, 15, 27

G

Gestão Urbana 113, 291, 296, 297, 298, 300, 303, 307

H

História Urbana 176

I

Infraestrutura Religiosa Católica 145, 147, 153, 154, 155

Infraestrutura Verde 13, 14, 16, 21, 22, 24, 27, 28

L

Legislação Ambiental 15, 102

legislação Urbanística 102, 104, 109, 113

Lugar Público 279

M

Mobilidade Ativa 267, 269, 270, 272, 274, 276, 278

Morfologia Urbana 28, 63, 65, 88, 102, 103, 105, 107, 159, 160, 161, 173, 174, 186

O

Ocorrências Urbanas 102, 103, 105, 106, 107, 108

P

Paisagem 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 23, 27, 28, 61, 65, 71, 112, 117, 119, 120, 121, 125, 127, 137, 162, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 203, 205, 253, 263, 281, 283, 293, 301

Paisaje Cultural 30, 32

Participação Social 90, 93, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 306, 307

Patrones de Localización 145, 151

Pedestre 5, 11, 12, 213, 267, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276, 278

Percepção 63, 71, 75, 87, 88, 91, 93, 98, 99, 100, 123, 124, 177, 178, 248, 253, 255, 259, 264, 270

Planejamento Urbano 5, 6, 64, 101, 102, 103, 104, 105, 110, 113, 116, 124, 125, 199, 240, 279, 282, 288, 291, 300

Políticas Públicas 1, 3, 4, 8, 11, 90, 105, 192, 240, 264, 282, 291, 296, 297, 298, 303, 304, 305
Práticas Urbanas Criativas 114, 279, 282, 283, 284, 286, 287, 289, 291, 293, 294
Processamento de Imagens 13
Processo de Projeto 233, 234, 260
Projeto Urbano 98, 161, 187, 191, 200, 201, 298

Q

Qualidade do Espaço Urbano 203, 205, 210, 267

R

Reconversão 187, 191

Resiliência Urbana 116, 118, 123

S

Serviços do Ecossistema 116, 117, 118, 121, 122, 125

Sistema Viário 5, 11, 15, 72, 170, 173, 195, 198, 203, 205, 210, 212, 215

T

Trama Urbana 47, 141, 145, 146, 149, 152, 157

U

Urbanismo 1, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 12, 13, 16, 28, 36, 61, 63, 101, 114, 129, 139, 142, 145, 159, 163, 167, 171, 175, 188, 190, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 202, 203, 212, 213, 216, 217, 219, 221, 229, 230, 231, 234, 265, 267, 278, 284, 286, 287, 288, 291, 293, 294, 296, 307, 309

Urbanização 1, 3, 4, 7, 10, 11, 15, 18, 64, 67, 106, 112, 116, 117, 118, 130, 139, 143, 193, 196, 241

V

Vegetação 13, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 72, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 106, 111, 114, 163, 173, 195, 272, 276, 278

**ARQUITETURA E
URBANISMO:
ABORDAGEM
ABRANGENTE E
POLIVALENTE 2**

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

ARQUITETURA E URBANISMO: ABORDAGEM ABRANGENTE E POLIVALENTE 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 